“O que escuto é por ouvir”

Anete T. T. Arita¹

Um pequeno grupo, 5 + 1 constituiu-se e se inscreve na Escola Letra Freudiana. O percurso de trabalho escolhido foi, a partir da lingüística, passar pelos conceitos de linguagem, signo, símbolo, ícone, significante, ou seja, passar da estrutura da língua à alíngua para, em uma escuta, ouvir o que é da linguagem e dos discursos na clínica, lembrando sempre que o discurso analítico é o que opera em uma análise.

Um dos Escritos escolhidos para ser trabalhado no Cartel foi Televisão. Aí, neste escrito, Lacan marca que não há diferença entre televisão e o público de seus seminários. Sobre isso diz: “Um olhar, nos dois casos: para quem não me dirijo, em nenhum dos dois, mas em nome do qual falo.”²

Diz ainda que fala aos que entendem do riscado, para os não-idiotas, supostos analistas e o que diz interessa a muito mais gente do que àqueles que, por alguma razão, se supõem analistas. Acrescenta que sua fala é no mesmo tom em que fala em seu seminário. Por que falaria diferente? se pergunta, pois há analista também a ouvir. E acrescenta:

Irei mais longe: nada mais espero dos analistas senão que seja o objeto graças ao qual aquilo que ensino não é uma auto-análise. Com certeza, quanto a esse ponto, é apenas por eles, aqueles que me escutam que serei ouvido. Mas, mesmo não ouvindo nada, um analista desempenha esse papel que acabo de formular, e a televisão, portanto, o desempenha tão bem quanto ele.³

Em um primeiro momento, chamou-me a atenção o fato de que, neste Escrito, Lacan diz que, como fala em nome da psicanálise, não há diferença entre os dois públicos e que será ouvido por aqueles que o escutam. Dois significantes desta fala - escutar e ouvir - se destacam para mim e ficam registrados, sem que eu, naquele momento, ao menos, disso soubesse.

Tempos depois, relendo A direção da cura e os princípios de seu poder, voltaram à minha cabeça estes significantes que haviam me tocado sem saber. Escutar. Ouvir. De que diferença trata Lacan aí? O que é escutar o que se está para além do discurso? O que está além do discurso é da dimensão do dizer? Com estas questões me pus a trabalhar, principalmente porque, à medida que lia ou re-lia alguns Seminários, fui achando sem procurar e depois achando porque procurava que Lacan empregava os dois significantes, estabelecendo entre eles uma diferença.

Voltando à fala de Lacan em A direção da cura..., vemos que ouvir não o força a compreender, e o que ele ouve não deixa de ser um discurso, mesmo quando se trata de uma interjeição que é tão pouco discursivo embora esta seja da ordem da linguagem. Assim, o que ele quer dizer quando diz ouvir?

¹ Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana

² Lacan, Jacques. Televisão, in: Outros Escritos, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003, p509

³ Idem

Ele emprega *écouter* e *entendre*, traduzidos para o português como escutar e ouvir. Por esta razão, uma consulta ao Dicionário do Aurélio Buarque de Hollanda foi interessante. Lá encontrei os verbetes e aqui transcrevo alguns:

Ouvir é: {do latim. Audire} V.t.d.

1. perceber, entender (os sons) pelo sentido da audição: “quem a vê, ouve a música de um canto”(Luís Delfino, Rosas Negras, p.19);
2. ouvir os sons de; escutar: Fócion, o orador grego, ouvindo os aplausos da multidão, costumava dizer: - “que erro cometi eu?” (Oto Maria Carpeux, A cinza do Purgatório, p. 332);
3. Dar ouvidos às palavras de; escutar: “Neste tempo, viu Laura, falou-lhe, ouviu-a” (Camilo Castelo Branco, A mulher fatal, p. 32)
4. Inquirir (o réu, as testemunhas, os peritos etc.).
5. Escutar discurso, sermão, conferência etc. de: O auditório ouviu a palestra com sensível interesse.
6. Perceber as coisas pelo sentido da audição; atender; escutar: “Nos últimos tempos de sua vida, Chateaubriand [François René de Châteaubriant] já não podia falar, nem ouvir, nem escrever”. (Mucio, Leão, Emoção e Harmonia, p.105)

Escutar: {do latim, auscultare} V.t.d.

1. Tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a: Escutou durante horas as lamúrias do enfermo.
2. Aplicar o ouvido com atenção para perceber ou ouvir: Em meio à balbúrdia, tentava escutar o que lhe diziam.
3. ouvir (2); Dormitava, e pôs-se a escutar o ressonar do filho.
4. Pop. Auscultar (1).
5. Int. Prestar atenção para ouvir alguma coisa: Houve um rumor estranho, escute.
6. Exercer ou aplicar o sentido da audição: “prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta./ Cada sentido é divino.” (Manuel Bandeira, Estrela da Vida, p.20);

Por estes verbetes, entendemos que ouvir se articula mais ao sentido, e escutar mais aos sons. Escutar está para auscultar, que significa: aplicar os ouvidos a (o peito, ao ventre, as costas etc.) para conhecer os ruídos que se produzem dentro do organismo cujo sinônimo popular é escutar. Alguns exemplos dos verbetes que se referem a escutar também empregam os dois termos como diferenciados; outros, não.

Assim, vamos tomando escutar por auscultar, apreendendo que Lacan evidencia a diferença entre ouvir (*entendre*) e escutar (*écouter*) quando diz que não se ausculta a resistência; a tensão; o opistótono (forma de espasmo tetânico em que se recurvam para trás a cabeça e os calcanhares, arqueando-se para frente o resto do corpo); a palidez; a descarga de adrenalina em que se reformaria um Eu mais forte. Ele diz ainda: “o que escuto é por ouvir”.⁴

Então, o que seria esta fala de Lacan: “Que seja para além do discurso que se acomoda nossa escuta, quando simplesmente tomo o caminho de ouvir (*entendre*), e não de auscultar”?⁵ ‘... nossa escuta’ deve se articular à escuta analítica. Escuta por ouvir os ditos que não vai sem o dizer, como costumava nos dizer Délia Elmer, em seu seminário

⁴ Lacan, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder in: Escritos, trad. Vera Ribeiro, .” Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998,

⁵ Idem

L'etourdit. Ela nos dizia também: “O que corta, para nós como analistas, que é o que nos interessa, não é a tesoura. São os ditos.”⁶

Dos verbetes do dicionário, percorremos o que está na língua, mas o que nos interessa é o que é da alíngua. É da psicanálise o que se trata; portanto, da *lalangue*, melhor dizendo. É, por isto, porque Lacan fala em nome da psicanálise, que não há diferença entre o público da televisão e o do seu seminário. É o discurso analítico que está aí posto. É desde aí que se opera em uma análise. É ele que emerge a cada passagem de um discurso a outro.

Em seu seminário, O sinthoma, Lacan enuncia:

ensinamos o analisante a fazer *epissure* entre seu sinthoma e o real parasita do gozo, o que é característico de nossa operação. Tornar esse gozo possível é a mesma coisa que o que escreverei como *gouço-sentido*. É a mesma coisa que ouvir um sentido.⁷

Aqui, ele joga com gozo e ouço que ressoa: *gouço*. Seria aí a escrita possível desse *gouço*, do sentido (*sense*) ao não sentido (*non sense*), ao final de análise? Desse intransmissível, mas que poderia ser ouvido e se transmita em um passe. Poderíamos pensar que é dessa ordem o que está aí colocado?

Há diferença, portanto, entre ‘*écouter*’ e ‘*entendre*’, escutar e ouvir. Vamos tomá-los aqui como significantes. Tomados desta forma, ressoa-me ‘*e-tour-dit*’ que me faz voltar a: “*Qu'on dise reste oblié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend*.”⁸ (que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve), em L'Etourdit, e em Encore, “*Qu'on dise*” dá lugar a “*le dire*”. Aparece assim: “*le dire est justement ce que reste oblié, derrière ce qui est dit, dans ce qu'on entend*”⁹ (...o dizer é justamente o que fica esquecido por trás do que é dito no que se ouve).

Há aí o dito e o dizer. O dizer fica esquecido por trás do dito no que se ouve. Portanto, é preciso uma escuta flutuante para que se ouça sem saber que se sabe, sem que se ouça. Para que se faça corte, lembra-nos Délia Elmer, é preciso que o dizer fique esquecido. Não nos esqueçamos do que ela nos ensinou: corte é o dito; não há dito sem dizer; há ditos e ditos; dizeres e dizeres; o dito é um corte esférico, isto é, há ditos que não produzem mudança na estrutura, são os que não ficam esquecidos. Poderia se dizer que esses cortes não são interpretações, seu dizer correspondente não fica esquecido, falou-nos Délia. Entretanto, o dizer que fica esquecido, produz mudança de estrutura. Não nos esqueçamos que estrutura é sempre de discurso. E quando há mudança de estrutura, para que a mudança ocorra, o que emerge, para a passagem de um a outro discurso, é sempre o discurso analítico.

Com este percurso realizado, podemos supor que *entendre* se aproxima a ouvir desse dizer que fica esquecido e que, talvez, possamos saber algo disso se algum efeito há, isto é, se há mudança de estrutura. É também ouvir o que está em *gouço*? Parece que é por aí que devemos perseverar em nossa hipótese.... buscando ler nos seminários que ainda não foram objetos de nossa leitura nesta busca.

Termino, falando do título escolhido “O que eu escuto por ouvir”, traduzido de “... *j'écoute est d'entendement. L'entendement ne me force par à comprendre*.”. Parece

⁶ Elmer, Delia. Seminário de 28-2-2002, ELF. está sendo transcrito por Diana Mariscal e Anete T T Arita

⁷ Lacan, Jacques. O seminário o Sinthoma, estabelecido por Jacques-Alain Miller, tradução de Sérgio Laia, revisão de André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2007, p 71

⁸ Lacan, Jacques. L'Etourdit in: Outros Escritos, trad.Vera Ribeiro, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003, p 449

⁹ Lacan, Jacques, Encore, seminário inédito

que há um jogo entre “*entendement*” e “*entendre*”. “*Entendement*” é um termo da filosofia, que quer dizer “forma discursiva do pensamento” e também está ligado ao verbo “*entendre*”. Foi a ressonância ouvida aí que me levou a pensar o que seria esta diferença e me perguntar: o que queria Lacan formalizar quando diz os dois significantes no mesmo enunciado?